

Análise do papel da INTUEL no desenvolvimento da ação empreendedora de empresários incubados

Diego Luiz Teixeira Boava
profboava@yahoo.com.br
CEFET-TO

Fernanda Maria Felício Macedo
profamacedo@yahoo.com.br
Instituto Objetivo

RESUMO

Alguns países posicionam o empreendedorismo como uma prioridade nas políticas governamentais, pois vislumbram que o mesmo consiste em uma ferramenta indutora de inovações tecnológicas. Nesse contexto, são criados órgãos de fomento a prática empreendedora como as incubadoras de empresas. A partir dessa realidade, pretende-se analisar o papel da INTUEL – Incubadora de Base Tecnológica de Londrina no desenvolvimento da ação empreendedora de empresários incubados. Para isso, investiga-se os significados que empresários atribuem a sua vivência empreendedora. A relevância desse estudo consiste em abordar a relação incubadora – ação empreendedora empregando-se o referencial teórico metodológico baseado no pensamento fenomenológico que se fundamenta na consciência e experiência de vida do ser. A coleta de dados se deu através de relatos de experiência elaborados por cinco empresários da INTUEL, sendo os dados analisados segundo a abordagem fenomenológica de Giorgi (1985).

Palavras-chaves: Empreendedorismo; Fenomenologia; Incubadora de Empresas.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, as discussões acerca do empreendedorismo e seus desdobramentos encontram-se em voga, devido principalmente às indicações que apontam ser o empreendedorismo um dos mais significativos fatores críticos de sucesso para o desenvolvimento econômico, geração de renda e riqueza para as nações.

Devido a esses fatores críticos foram criados vários programas e órgãos de apoio à prática empreendedora. Dentre esses, pode-se citar as incubadoras de empresas que visam gerar um ambiente propício para o desenvolvimento de ações empreendedoras, através do incentivo à inovação.

Nesse cenário, busca-se abordar a relação existente entre empreendedorismo e incubadora de empresas, visando compreender o papel da INTUEL – Incubadora de Base Tecnológica de Londrina no desenvolvimento da ação empreendedora de empresários incubados. Para isso,

faz-se necessário desvelar os significados que os mesmos atribuem a sua vivência empreendedora.

Assim, o *locus* da pesquisa é a Incubadora de Base Tecnológica de Londrina, sendo a investigação pautada nos pressupostos da fenomenologia e método fenomenológico. Vale neste método o significado e relevância perceptiva da experiência humana sobre determinado fenômeno. Não se trata da simples descrição dos fenômenos observados a partir de um sujeito que o percebe, indo além, interpretando-os, tentando colocar a descoberto os sentidos menos aparentes.

2. INCUBADORA DE EMPRESAS

O movimento das incubadoras foi criado em 1959, nos Estados Unidos, mais especificamente na cidade de Nova Iorque. Porém, essa incubadora ainda não apresentava configuração estrutural semelhante à apresentada atualmente, sendo que sua abertura ocorreu no contexto de fechamento da fábrica de tratores da Massey Ferguson. Tal fábrica foi adquirida pelo empresário Joseph Mancuso que acabou por dividir o espaço fabril em pequenas unidades que abrigariam empresas de pequeno porte. O espaço passou a ser denominado condomínio de empresas (DIAS; CARVALHO, 2002).

Já na década de 1970, o governo norte-americano lançou um programa de assessoria jurídica e administrativa a profissionais recém graduados que por ventura tivessem interesse em iniciar um empreendimento. Tal programa, por se assemelhar ao projeto iniciado por Joseph Mancuso, foi denominado sistema de incubadoras de empresas (REDE INCUBAR, 2006).

Simultaneamente à experiência americana, foram sendo criadas incubadoras de empresas em todo o mundo. Na Europa, o Reino Unido iniciou o movimento de criação de incubadoras a partir da iniciativa da Universidade Heriot Watt na Escócia, sendo seguida pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Na França, segundo Lemos (1988, p. 3) o Estado foi o principal indutor da criação de pequenas empresas no país. O termo incubateur foi aplicado às estruturas criadas pelo Estado para apoiar empreendedores antes da criação de sua empresa, que corresponderia atualmente à fase de pré-incubação (STAINSACK, 2003).

No continente asiático, o Japão criou suas primeiras incubadoras por designação do Ministério de Assuntos Internacionais e da Indústria no decorrer dos anos 1980. A preocupação maior desse ministério consistia no desenvolvimento e fortalecimento da pesquisa no país (NEERMANN, 2001).

Na China, as incubadoras começaram a surgir no final da década de 1980. Atualmente, as incubadoras existentes nesse país, ao contrário de muitos sistemas de incubação, podem fornecer de 5 a 20% do capital de risco de suas empresas incubadas, tornando-se acionistas das mesmas podendo participar em todo processo decisório do empreendimento. Os lucros que forem arrecadados com essas ações constituem propriedade do estado (BAËTA, 1999).

Em âmbito nacional, a origem da incubadora de empresas remete ao Programa de Inovação Tecnológica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criado em 1982, com a finalidade de estreitar as relações entre universo acadêmico e universo empresarial. Para isso, o programa criou Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) em universidades e, em 1984, criou os primeiros parques e incubadoras de empresas do Brasil: São Carlos - SP, Campina Grande - PB, Manaus - AM, Florianópolis - SC e Porto Alegre - RS (SOUZA; NASCIMENTO JR., 2003).

No ano de 1987, foi constituída a ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Investimentos de Tecnologias Avançadas. Contudo, o papel das incubadoras de empresas somente foi legitimado, ou seja, aceito e reconhecido no cenário empresarial

brasileiro a partir da década de 1990, devido a mudanças relacionadas ao grau de competitividade do mercado nacional e internacional. (SOUZA; NASCIMENTO JR., 2003). Segundo Guedes e Bermúdes (1997) existem alguns aspectos que favoreceram a difusão de incubadoras no país a partir dessa década, sendo esses:

- Transformações na conjuntura econômica mundial;
- Intensificação da necessidade das empresas nacionais apresentarem maior competitividade em âmbito externo. Isso implica na tentativa obrigatória de aumentar os índices de inovação tecnológica desses empreendimentos.
- Relações internacionais estabelecidas e continuadas por acadêmicos brasileiros;
- Implantação do SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, em 1990.

Assim, observa-se que a idéia da criação de incubadoras despontou no cenário governamental brasileiro, inicialmente, como um órgão para o fomento e união de empresas de base tecnológica com universidades.

Dessa maneira, tem-se que o propósito das incubadoras esteve associado à finalidade de estimular o surgimento de negócios resultantes de projetos tecnológicos desenvolvidos em centros de pesquisa universitários ou de outra natureza (FONSECA; KRUGLIANSKAS, 2000). Logo, conclui-se que as incubadoras, no Brasil, surgem em um ambiente de ciência e tecnologia. Nesse cenário, emergem algumas definições de incubadoras de empresas.

O Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas define uma incubadora como um mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços, de base tecnológica ou de manufaturas leves por meio da formação complementar do empreendedor em seus aspectos técnicos e gerenciais (MCT, 2000, p 6).

A ANPROTEC (2005), na mesma linha do MCT, define incubadoras de empresas como sendo empreendimentos que oferecem espaço físico, por tempo limitado, para a instalação de empresas de base tecnológica e/ou tradicional, que disponham de uma equipe técnica para dar suporte e consultoria a estas empresas.

De forma similar às duas definições apresentadas, o SEBRAE (2003) define a incubadora de empresas como sendo mecanismo técnico que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas (industriais, de prestação de serviços, de base tecnológica ou de manufaturas leves), oferecendo suporte gerencial e formação complementar do empreendedor. Por sua vez, Spolidoro (1999, p.13) conceitua incubadora dando ênfase ao ambiente inovador que ela deve propiciar. Nos dizeres do autor, a incubadora é um ambiente que favorece a criação e o desenvolvimento de empresas e de produtos (bens e serviços), em especial aqueles inovadores e intensivos em conteúdo intelectual (produtos nos quais a parcela do trabalho intelectual é maior que a parcela devida a todos os demais insumos).

Dessa forma, as incubadoras possuem um caráter catalisador do processo empreendedor, sendo essencial para a consolidação de empreendimentos em um mercado competitivo (LICHTENSTEIN; LIONS, 1996).

No mais, faz-se importante destacar que mesmo a origem das incubadoras no Brasil estar diretamente relacionada ao setor tecnológico, existem incubadoras direcionadas a outras áreas. Dornelas (2002) postula a existência de três tipos de incubadora:

- Incubadora de base tecnológica: ampara empresas, que desenvolvem seus produtos a partir de resultados de pesquisas aplicadas, nas quais a tecnologia representa alto valor agregado. Os produtos, processos e serviços criados pressupõem um amplo conhecimento tecnológico.
- Incubadora de setores tradicionais: ampara empresas, cuja área de atuação está diretamente ligada aos setores tradicionais da economia, os quais detêm tecnologia largamente difundida e queiram agregar valor aos seus produtos ou serviços.

- Incubadoras mistas: abriga no mesmo ambiente os dois tipos de empresa, tecnológicas e tradicionais.

No entanto, há uma distinção entre as incubadoras de empresas de base tecnológica e as incubadoras de setores tradicionais que ultrapassa a natureza dos produtos ofertados, uma vez que as incubadoras tecnológicas apresentam uma ligação muito estreita com centros de pesquisas e universidades o que estimula processo de inovação. Isso não ocorre de forma tão constante no caso das incubadoras tradicionais (BAÊTA, 1999).

Faz-se ainda importante destacar que existem outras tipologias de incubadoras, embora as mencionadas anteriormente sejam mais adequadas à realidade nacional. Um exemplo de tipologia de incubadoras é a elaborada por Zedtwitz (2003).

Essa tipologia apresenta uma característica bastante específica, uma vez que sua classificação não é estanque, permitindo que uma incubadora possa ser classificada de várias formas a depender de sua realidade.

- Incubadoras comerciais independentes: são originadas de atividades desenvolvidas por empresários ou empresas ligados ao capital de risco, sendo orientadas para o lucro. Essas incubadoras se baseiam fortemente nas suas competências internas.

- Incubadoras regionais: são criadas com o objetivo de fornecer espaço e apoio logístico para os negócios iniciantes em uma determinada comunidade. Os idealizadores e executores desse tipo de incubadora são, em sua maior parte, governos locais e organizações com interesses econômicos e políticos regionais. O resultado dessas incubadoras deve estar sempre atrelado a metas sociais e econômicas, como geração de empregos, aprimoramento da indústria local ou imagem da região.

- Incubadoras vinculadas às universidades: essas incubadoras desenvolvem seus trabalhos com apoio intenso de universidades. São laboratórios desenvolvidos para aprimoramento e fortalecimento da relação entre acadêmicos e empresários.

- Incubadoras intra-empresariais: são criadas com o objetivo lidar com a descontinuidade tecnológica. Essas incubadoras estão vinculadas ao setor de P&D das corporações.

- Incubadoras Virtuais: estão diretamente relacionadas com setor de tecnologia da informação. De forma distinta das incubadoras tradicionais, não oferecem espaço físico ou apoio logístico, mas uma estrutura composta por plataformas e redes de acesso a informação destinada a empresários iniciantes, investidores e consultores.

Todavia, é importante destacar que ainda existam diferentes tipos de incubadoras, nos dizeres de Martins et. al. (2005, p.3) essas sempre deverão oferecer as empresas incubadas os seguintes itens:

- Infra-estrutura: salas individuais e coletivas, laboratórios, auditório, biblioteca, salas de reunião, recepção etc.;

- Serviços Básicos: assessoria gerencial, contábil, jurídica, apuração e controle de custo, gestão financeira, comercialização, exportação e o desenvolvimento do negócio;

- Capacitação: treinamento, cursos, assinaturas de revistas, jornais e publicações;

- Network: contatos de nível com entidades governamentais e investidores, participação em eventos de divulgação das empresas, fóruns.

Dessa forma, conclui-se que análise das tipologias indica que as incubadoras, mesmo atuando em focos diferentes, são, de fato, um agente facilitador do processo empresarial e de inovação tecnológica. Nesse cenário, destaca-se a Incubadora Tecnológica de Londrina.

A Incubadora Internacional de Empresas de Base Tecnológica da Universidade Estadual de Londrina é uma organização gerenciada pelo Consórcio GeNorP/INTUEL (Genesis do Norte do Paraná) e tem por objetivo a geração de novas empresas nas áreas de tecnologia da informação e comunicação - TIC, biotecnologia entre outras áreas, criado em 2003. Sua constituição é de uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e deliberada por um Conselho. Trata-se de um ambiente de inovação, propício à criação e desenvolvimento de

atividades voltadas a transformações de idéias em produtos ou processos inovadores, com potencial mercadológico, que traga benefícios à sociedade como um todo.

Essa incubadora visa consolidar um modelo institucional de inovação e empreendedorismo, unindo os diversos agentes (instituições do setor público, empresas privadas, governo, agências de fomento, pesquisadores), cujas atividades se complementam e geram novas tecnologias, sendo a inovação e o empreendedorismo seus aspectos cruciais.

Segundo a publicação informativa da organização (INTUEL, 2005, p. 05), seus objetivos são:

I. Fomentar a criação de novos empreendimentos tecnológicos a partir de alunos e profissionais recém formados, atuando como uma pré-incubadora, através do Centro SoftEx Genesis GeNorP da UEL;

II. Contribuir para o crescimento das empresas nascentes de base tecnológica, através de fornecimento de ambiente favorável para a capacitação tecnológica e ambiental, através da INTUEL- Incubadora Internacional de Empresas de base tecnológica da UEL;

III. Incentivar e apoiar as atividades de inovação e desenvolvimento científico e tecnológico, de gestão e transferência de tecnologia, de promoção do capital humano, através da cultura e treinamento, de natureza técnica e mercadológica;

IV. Desenvolver atividades de consultoria, assessoria e atividades administrativas a empresas privadas e instituições públicas e privadas, Institutos de Pesquisa e outros;

V. Promover a integração da Universidade com as empresas do setor privado, com os órgãos do setor público e com as organizações da sociedade civil.

A empresa interessada em participar da incubadora passa por três fases: pré-incubação, incubação e pós-incubação.

A pré-incubação é a fase de desenvolvimento da idéia até o produto final. Neste período, a equipe de empreendedores passa por um processo formação de habilidades empresariais e técnicas, sendo ainda o momento em que as parcerias para o desenvolvimento dos produtos começam a se constituir. Neste período, a empresa ainda não está formalmente constituída, ou seja, ainda não possui CNPJ, é uma "pré"-empresa residente (INTUEL, 2005, p.06).

Após a fase pré-incubação, a empresa vai para a fase de incubação. Nessa fase a empresa se constitui legalmente e assume os encargos de uma empresa normal. No entanto, a empresa incubada tem apoio técnico e empresarial da INTUEL. A empresa incubada participa de cursos de capacitação, palestras e eventos empresariais, feiras e rodadas de negócios nacionais e internacionais e recebe incentivo comercial, assessoria na divulgação e outros tipos de apoio oferecidos pela incubadora. Ao final do processo de incubação, a empresa gradua-se, se desliga fisicamente e se torna uma empresa associada à INTUEL, participando das atividades da incubadora por meio do programa de pós-incubação (INTUEL, 2005, p.08).

A pós-incubação da INTUEL corresponde ao estágio em que a empresa se instala fora do ambiente físico da incubadora e mantém parceria como empresa associada recebendo assessorias e participando de eventos e cursos de captação e suprindo as necessidades de aprimoramento em gestão de negócios (INTUEL, 2005, p.10).

Além disso, a INTUEL possui o Programa de Empreendedorismo, que corresponde ao fomento da cultura empreendedora na cidade de Londrina e região, em especial na Universidade Estadual de Londrina, por meio de atividades como palestras de sensibilização nas instituições de ensino superior e técnicas da cidade, palestras com depoimento de empreendedores de sucesso, Feira da Idéia e maratonas de empreendedores, servindo ainda de base para os programas de incubação e pré-incubação (INTUEL, 2005, p.11).

Há também o Escritório de Proteção do Conhecimento da UEL, que atua desde 1997 desenvolvendo atividades relacionadas à propriedade intelectual, inicialmente no âmbito do Projeto Gênese/GeNorP e da INTUEL. Em 2003, com a aprovação do Edital CNPq/FINEP, o Escritório de Proteção do Conhecimento da UEL amplia seus trabalhos, atendendo toda a comunidade da UEL.

Já a Unidade de Negócios tem como objetivo fortalecer as atividades econômico-comerciais das empresas da INTUEL, disponibilizando sua equipe para orientar os empreendedores na caracterização dos projetos e na maximização das competências. A Unidade de Negócios provém às comunidades interna e externa da Incubadora, os seguintes serviços (INTUEL, 2005, p.14):

- a) Orientação para elaboração de Planos de Negócios e Resumos Executivos.
- b) Coordenação dos processos seletivos (bancas de seleção) para inclusão na INTUEL.
- c) Atendimento personalizado a empreendedores que pleiteiam participar da INTUEL.
- d) Direcionamento econômico-comercial das Empresas Incubadas e Pré-Incubadas para os projetos em desenvolvimento.
- e) Auxílio na busca de novos parceiros tecnológicos, comerciais e financeiros.
- f) Atualização das empresas quanto às tendências econômicas dos mercados nacional e internacional.
- g) Indicações e acompanhamento para as empresas da INTUEL, de Eventos, Feiras Comerciais e Rodadas de Negócios, fornecendo treinamento de postura e negociação.
- h) Intermediação de negociações entre a INTUEL, Empresas Incubadas e Pré-Incubadas e Potenciais Parceiros, Clientes e Fornecedores.
- i) Revisão e auxílio na elaboração de materiais de Marketing, Publicidade, Propaganda e Web.

Finalmente, há o Programa de Empresas Juniores da INTUEL, que visa oferecer a seus membros condições de aplicação prática dos conhecimentos teóricos relativos à área de formação profissional específica, adquiridos na faculdade, contribuindo para a formação dos estudantes, estimulando os conceitos do empreendedorismo, inovação e responsabilidade social. Além disso, o programa tem espaço para os universitários exercitarem seus conhecimentos sem a pressão usual do mercado de trabalho, dando a oportunidade aos estudantes de melhorar a qualidade do seu ensino e ao mesmo tempo contribuir com a sociedade.

Para participar da incubadora, o empreendedor deve possuir um negócio que seja inovador, ter um protótipo e contatar a INTUEL para agendar uma reunião com o Escritório de Negócios, além de elaborar um resumo executivo. Após análise e aprovação do resumo executivo e protótipo pela INTUEL e se o projeto corresponder aos critérios de seleção, o empreendedor será encaminhado para receber assessoria especializada para elaboração de um plano de negócios. (INTUEL, 2005, p.08-09).

3. FENOMENOLOGIA E MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Acredita-se que o termo fenomenologia foi empregado pela primeira vez em 1764, por Joham Heinrich Lambert (1728-1777), na quarta parte da obra “Neues organon”, intitulada “**Fenomenologia ou aparência ilusória e suas variedades**”. Tal obra traz todo o fundamento do saber empírico, cabendo à fenomenologia distinguir entre a aparência e a verdade. Depois de Lambert, muitos filósofos utilizaram o termo, com variadas acepções, como Kant, Hegel, Eduard von Hartmann entre outros.

Contudo, foi Edmund Husserl (1859-1938), em sua obra “Investigações lógicas”, nos anos de 1900-1901, quem desenvolveu a fenomenologia com o sentido que atualmente é conhecida, com o objetivo de permitir que a filosofia transforme-se em uma “ciência do rigor”, que analisa o conteúdo da consciência, que se manifesta intencionalmente à mesma, com a finalidade de se chegar a uma nova forma de filosofar.

A fenomenologia pode ser vista como uma tentativa elucubradora para resgatar o contato original com o objeto, que se perdeu em especulações metafísicas abstratas ou reduções matemáticas. Sempre há uma volta às origens.

Phainomenon + *logos* significa “discurso sobre aquilo que se mostra como é”. A proposta de Husserl é acabar com a naturalização da consciência, considerando que fatos psíquicos não se equiparam aos fatos físicos (SARDI, 2001 p.14). O filósofo poderá, então, “ir às coisas mesmas”, a procura de “exprimir aquilo que é dado diretamente na consciência”. A fenomenologia descreve e analisa o significado e a relevância da experiência humana.

Abbagnano (1993, p.76) afirmou que a fenomenologia de Husserl apresenta as seguintes características:

01. É uma ciência teórica (contemplativa) e *rigorosa*, isto é, “fundamentada”, no sentido de ser “dotada de fundamentos absolutos”.

02. É uma ciência intuitiva porque tenta apreender *essências* que se apresentam à razão de uma forma análoga àquela em que as coisas se apresentam à percepção sensível. Este aspecto da filosofia reflete o caráter apofântico da razão.

03. É uma ciência não-objetiva, e por isso completamente diferente das outras ciências particulares, que são ciências dos fatos ou das realidades (físicas ou psíquicas), enquanto que ela prescinde de qualquer fato ou realidade e se preocupa apenas com essências.

04. É uma ciência das origens e dos *primeiros princípios*, dado que a consciência contém o *sentido* de todos os possíveis modos como as coisas podem ser dadas ou constituídas.

05. É uma ciência da subjetividade, porque a análise da consciência se dirige para o *eu* como sujeito ou pólo unificador de todas as intencionalidades constitutivas.

06. É uma ciência impessoal porque “os seus colaboradores não têm necessidade de prudência mas de dotes teóricos”.

Como observa o autor, estes aspectos definem a filosofia na forma como ela foi entendida por Husserl, mas não o conjunto do movimento fenomenológico.

Para entender a fenomenologia, é necessário compreender que o homem é um “doador de sentido” ao mundo. A origem de todas as afirmações racionais é a “consciência doadora originária”. Deve-se “avançar para as próprias coisas” (coisas = aquilo que é dado à consciência).

Este dado é o fenômeno, que aparece à consciência. O *fenômeno*, portanto, é o objeto da investigação fenomenológica, sendo a *intuição* o instrumento de conhecimento (VERA, 1978 p. 63). A intuição só é possível devido a intencionalidade da consciência (“toda consciência é consciência de algo”). A consciência não opera no vazio, daí para haver objeto há que haver um sujeito e vice-versa. O fundamental para a fenomenologia é a busca dos significados das experiências que chegam à consciência. Para lograr êxito em sua pretensão de transformar a filosofia em uma “ciência do rigor”, Husserl criou o método fenomenológico, que serviria para o desenvolvimento da ciência das essências.

Spiegelberg (1984), na parte introdutória de sua obra “The phenomenological movement”, diz que não há uma doutrina filosófica chamada “fenomenologia”, mas sim um método fenomenológico que é, em primeiro lugar, uma forma de ir contra ao reducionismo. O autor traz um elenco dos passos dos métodos usados por vários fenomenólogos, a saber:

- 1. Investigar os fenômenos particulares.**
- 2. Investigar as essências gerais.**
- 3. Captar as relações essenciais entre as essências.**
- 4. Observar os modos de aparição.**
- 5. Explorar a constituição dos fenômenos.**

6. Suspender a crença no fenômeno.

7. Interpretar as significações ocultas.

Os três primeiros passos são adotados por praticamente todos os fenomenólogos. Os demais são praticados conforme a orientação filosófica que o pesquisador adotar. O passo 6 é a redução fenomenológica, o passo 7 é praticado pelos adeptos da fenomenologia hermenêutica.

Nesta pesquisa será utilizado como método geral o fenomenológico, baseado em Husserl e seus seguidores, particularmente a abordagem de Giorgi (1985), descrita nas teses de doutorado de França (1989) e Sardi (2001).

Partir-se-á do pressuposto fenomenológico que o homem é um “doador de sentido” ao mundo. A origem de todas as afirmações racionais é a “consciência doadora originária”.

Amatuzzi (1996) descreve 06 tipos de pesquisa fenomenológica:

1º) Pesquisa fenomenológica filosófica: a filosofia procura esclarecer o conhecimento e, a partir, daí o mundo (e nele o ser humano).

2º) Pesquisa fenomenológica eidética: procura a elucidação das vivências a partir da experiência comum, por reflexão utilizando a redução fenomenológica.

3º) Pesquisa fenomenológica hermenêutica: procura elucidar o vivido, partindo do pressuposto que a interpretação é essencial na compreensão.

4º) Pesquisa fenomenológica experimental: é uma mescla da fenomenologia empírica com o método experimental.

5º) Pesquisa fenomenológica colaborativa: conduzida em grupo e beneficiando-se do processo grupal, em que o grupo se reúne periodicamente, trabalhando o mesmo tema teórica e vivencialmente.

6º) Pesquisa fenomenológica 'empírica' ou 'científica': utilização do enfoque fenomenológico ao trabalho de pesquisa em psicologia, como ciência que trabalha a partir de 'dados empíricos'.

Nesta investigação adota-se a fenomenologia hermenêutica. Sobre o assunto, Rey (1997, p.12) assim se expressou:

A partir de Heidegger se enfatiza a inseparabilidade da expressão e da ação do sujeito, a qual conduz a compreender os sentidos que se reconstruem na interpretação hermenêutica; são aqueles que o sujeito está produzindo durante sua ação. A interpretação hermenêutica desenvolvida por Heidegger expressa uma ênfase do existencial na produção de conhecimento sobre o homem.

A abordagem fenomenológica-hermenêutica busca a relação entre a essência e o fenômeno pesquisado, através do círculo hermenêutico **interpretação – compreensão – nova interpretação**. Entender é um processo circular, que se dá através do círculo hermenêutico. O círculo tem um elemento de intuição, sendo necessário um conhecimento prévio mínimo sobre o tema para entender o que se pesquisa. Sem isso não é possível entrar no círculo (BOAVA,2004).

Heidegger (1999, p.218) já dizia que toda compreensão guarda em si a possibilidade de interpretação. Em sua obra, o referido autor procurou criar uma nova terminologia filosófica, a partir de fragmentos pré-socráticos. Observou que é na linguagem que se dá a apreensão do ser. Sua filosofia pode ser considerada uma hermenêutica do ser.

O método fenomenológico, epistemologicamente, opõe-se à visão de sujeito e objeto isolados, passando a considerá-los como correlacionados, já que a consciência é sempre intencional.

O método centra-se no homem, especificamente na análise do significado e relevância da experiência humana. O ponto inicial da investigação fenomenológica é a compreensão do viver. Giorgi (1985), no prefácio de sua obra “Phenomenology and psychological research”, de 1985, demonstra que o método é utilizado para pesquisas de fenômenos humanos, tais como vividos e experienciados.

Afinal, o homem é um “doador de sentidos” ao mundo, que é capaz de intuir, que tem intencionalidades, que orienta significações. Dando significações aos objetos do mundo (que podem ser inclusive outros sujeitos), o homem une-se a eles.

Gomes (1989) observou que o que se espera de uma pesquisa fenomenológica é a descoberta do novo, do desconhecido e até mesmo de uma possibilidade não pensada.

Por sua vez Coltro (2000, p.40), especificamente sobre o caráter hermenêutico do método fenomenológico, acredita que este:

... propõe uma reflexão exaustiva, constante e contínua sobre a importância, validade e finalidade dos questionamentos, indagações e respostas obtidos. Apresenta-se como de natureza exploratória, ou seja, como interpretação aberta a outras interpretações, muitas vezes conflitantes e que marcam seu caráter polissêmico, sendo este o maior sinal de sua fertilidade.

O método fenomenológico busca captar as essências do que o homem vivenciou. Mas esse homem vive em grupo, em uma sociedade. Ele é mutável, efêmero, perturbado por motivações obscuras. Ele é influenciado pela mídia, por sua família, sensível aos valores. Seixas (1973) já dizia em sua canção: “*eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*”.

O pesquisador deve, dessa forma, se esmerar na interpretação. Assinala-se que a fenomenologia permite interpretar sobre aquilo que é dito enquanto sentido e aquilo que deixa de ser dito.

Neste sentido, Coppe (2001, p.46), analisando a questão da utilização do método fenomenológico no estudo da subjetividade, diz que o pesquisador busca compreender o mundo para o sujeito, ou seja: captar significados do mundo deste sujeito a partir da sua descrição do vivido.

A opção pelo método fenomenológico pode parecer questionável, principalmente seu emprego em pesquisas em uma área de conhecimento pouco explorada, como é a análise do significado da vivência empreendedora. Tal método, ainda desperta dúvidas em relação à sua cientificidade posto que não repete o modelo do positivismo e empirismo típico das ciências físicas e naturais (estas mais estáticas que as ciências humanas).

Porém, com mais de um século de aplicação, o método, em ciências humanas e sociais (o ser humano é um processo em permanente mutação, não sendo possível estudá-lo de forma estática), vem demonstrando consistência e legitimidade em pesquisas que focalizem, nas palavras de França (1989, p.26) a experiência vivida e sua significação, não sendo possível explicá-la por uma relação de causa e efeito, reduzindo-a a leis, princípios ou conceitos.

4. TRAJETÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

4.1 – Formulação de uma proposição

A primeira etapa consistiu na elaboração de uma proposição para orientar a coleta de dados, nos seguintes termos:

Pesquisa com Empresários Incubados na INTUEL
Descreva e comente aspectos de sua vivência como empresário incubado relacionados ao desenvolvimento de sua capacidade empreendedora, que considere mais significativos e marcantes.

Essa proposição foi ampla e pretendeu apreender os aspectos que os empresários considerem “mais significativos”, tratando-se, portanto de uma análise livre própria dos sujeitos.

4.2 – Sujeitos da pesquisa

Determinou-se 05 sujeitos, sendo uma amostragem não-probabilística intencional. Buscou-se seguir uma lógica na escolha dos mesmos, em função das características da pesquisa fenomenológica, que se equilibra na tensão entre singularidades e universalidades. O objetivo é a descoberta de conhecimentos; não se trata da verificação de hipóteses.

Assim, são cinco homens, com as idades variando de 21 a 50 anos de idade, que atuam em suas organizações na Incubadora Internacional de Empresas de Base Tecnológica da Universidade Estadual de Londrina. Os indivíduos são empreendedores que vivenciam no cotidiano os aspectos relacionados à prática empreendedora, por isso a escolha intencional dos mesmos.

4.3 – Coleta de dados

A terceira etapa consistiu em distribuir e recolher os questionários, com prazo de uma semana para o preenchimento. Esclareceu-se aos empresários que os relatos seriam utilizados em uma pesquisa. Assegurou-se o anonimato e confidencialidade em relação à divulgação dos nomes dos relatores. Não foram feitas modificações nos discursos.

4.4 – Procedimentos de análise dos dados

Nesta última etapa, empregou-se o método fenomenológico de Giorgi (1985), descrito na tese de doutorado de França (1989, p.38-42):

- I. **Sentido do todo** - Simples leitura do texto e a habilidade de entender a linguagem do sujeito.
- II. **Discriminação das unidades de sentido** - Considerando que é impossível analisar um texto inteiro ao mesmo tempo, é necessário separá-lo em unidades manejáveis. As unidades são analisadas de acordo com o interesse da pesquisa (caráter psicológico, sociológico, conhecimento do sujeito sobre o tema abordado, vínculo emocional com o fenômeno, papel proativo frente à realidade do fenômeno etc.).
- III. **Transformação das expressões de linguagem do sujeito para linguagem com ênfase no fenômeno que está sendo investigado** - A intenção do método aqui é de chegar a uma categoria geral partindo das expressões concretas.
- IV. **Resultado das unidades de sentido transformadas em colocações** - O último passo de uma análise é sintetizar, integrar as descobertas das unidades significativas em uma descrição consistente da estrutura psicológica do acontecimento.

A figura a seguir traz a representação do percurso metodológico empregado.

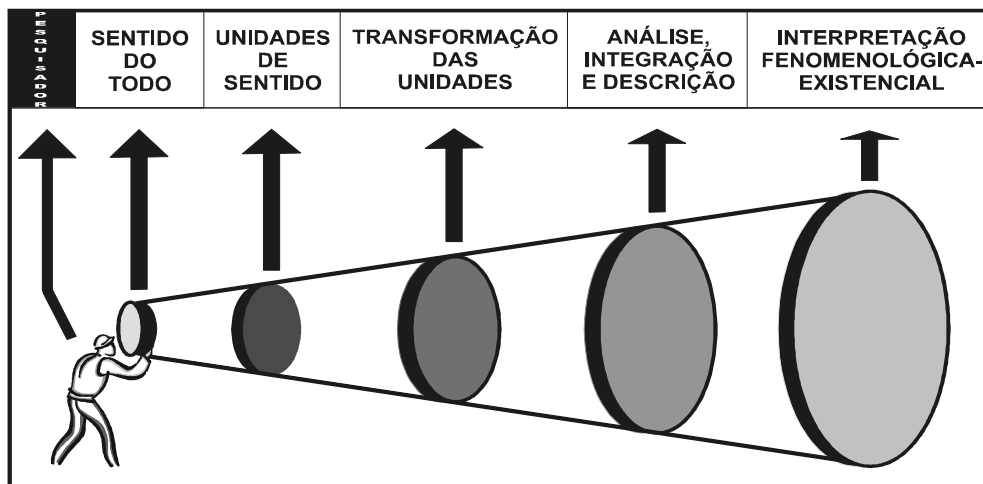


Figura 1: Percurso metodológico
 Fonte: sistematizado a partir de Giorgi (1985)

5. RESULTADOS

5.1 Apresentação das Unidades de Sentido

Foram quatro as unidades de sentido identificadas, que surgiram a partir da leitura dos cinco relatos:

1. Desenvolvimento de habilidades
2. Visão de futuro
3. Saber fazer
4. Potencialidade

É importante destacar que as unidades de sentido só existem em função da perspectiva de quem analisa. Pretende-se descobrir o sentido oculto, desdobrando os níveis de significação aparente. Rezende (1978, p. 223) discute a questão da linguagem como sendo a própria vida, na qual o sentido se formula pela primeira vez como fenômeno original. A questão da intersubjetividade também é importante. Coexistir é próprio do homem e a palavra representa não apenas uma expressão, mas também comunicação e simbologia.

Os relatos não foram alterados, nem corrigidos.

A seguir, apresenta-se as unidades de sentidos discriminadas:

As unidades de sentido organizadas em categorias e a letra dos depoimentos nos quais elas foram identificadas	
Categorias de unidades de sentido	Depoimentos
1. Desenvolvimento de habilidades	A – B – C – E
2. Visão de futuro	A – D
3. Saber fazer	A – B – C
4. Potencialidade	C – D – E

Dando continuidade, foram destacados fragmentos dos depoimentos relacionados com as unidades de sentido com significado para o investigador, seguido de interpretações – unidade modificada (U.M.).

01. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

Relato A – *“Ser empreendedor me possibilitou desenvolver habilidades até então desconhecidas. Fez com que me preocupasse não só com questões técnicas..., mas também com questões comerciais e administrativas. Criei habilidade para negociar, apesar de ainda buscar me capacitar cada vez mais na área”*.

U.M. – O sujeito enxerga a si próprio como um empreendedor, que desenvolveu habilidades que não conhecia. A Incubadora, como locus privilegiado para a realização empreendedora, fez com que o indivíduo transcendesse a condição tecnicista que permeia a prática empreendedora, observando a coadunabilidade existente entre questões técnicas, comerciais e administrativas. Esse fragmento demonstra características ontológicas, considerando que o relator busca ir além na busca de sua realização como empreendedor, pois percebe a capacitação como uma condição essencial.

Relato B – *“Criar e desenvolver produtos e empresa... Estar sempre pesquisando e criando”*.

U.M. – As habilidades, para o depoente, relacionam-se com a importância da pesquisa e desenvolvimento de produtos, além da criação e busca de novos meios de ver a realidade. A realidade empreendedora é vista sob um ângulo reducionista, permeando a realidade ôntica subjacente. Isso significa que possui extrema objetividade no trato com as questões da empresa.

Relato C – *“... usando de características empreendedoras como conhecer o ambiente de trabalho detalhadamente e encontrar soluções adequadas respeitando características particulares de cada um pude sair de situações embaraçosas e limitadas”*.

U.M. – Esse fragmento traz à discussão as chamadas “características empreendedoras”, que seriam, para o autor, as responsáveis pelo fato dele sair de situações limitantes e embaraçosas. Isso demonstra que o ser empreendedor é, entre outros aspectos, um “estado” (considerado aqui como a soma de condições em que se encontra em determinado momento). A possibilidade de desvencilhar-se de algo intrincado, originado a partir do desenvolvimento de determinadas habilidades, faz com que o sujeito explicita que o empreendedorismo é capaz de fazer com que as pessoas possam se realizar a partir de si mesmas.

Relato E – *“Saber dialogar, pois somente com a troca de idéias e a exposição de suas opiniões é que você vai poder ter acesso as melhores oportunidades”*.

U.M. – Para o depoente, a capacidade de dialogar e estabelecer relações sociais significa o desenvolvimento de suas habilidades e oportunidade de novos negócios e oportunidades. O homem vive em sociedade, não é isolado e onipotente.

02. VISÃO DE FUTURO

Relato A – *“Ter mentalidade voltada para o futuro”*.

U.M. – Viver o presente, mas com foco no futuro, faz com que o depoente acredite que o sucesso do empreendimento esteja ligado com possibilidades vindouras. Não se trata de viver no futuro, mas vê-lo como um fim, em bases teleológicas. O depoente vê no venturo as possibilidades de realização.

Relato D – *“...levar o seu negócio para onde quiser, no ritmo que quiser”*.

U.M. – O negócio é, em última instância, algo que se constrói no presente, com perspectivas futuras. O andamento do empreendimento é ditado não por fatores externos, mas internos a seu ser. É o depoente que fará as coisas acontecerem, no ritmo que desejar e da forma que melhor lhe aprouver.

03. SABER FAZER

Relato A – *“A possibilidade de desenvolver inovação e conseqüentemente ganhar dinheiro com ela”*.

U.M. – A inovação, que para os economistas é fundamental para a economia capitalista, é vista aqui como meio de auferir lucros e fazer dinheiro. O saber fazer, através do desenvolvimento da inovação, é um instrumento que possibilita a realização empreendedora. A técnica é o meio para se atingir os objetivos propostos.

Relato B – *“Desenvolvimento de produtos”*.

U.M. – O desenvolvimento de produtos é o mais importante no ato de se fazer algo. Observa-se nesse fragmento a preocupação com o realizar, não com o processo para realizar.

Relato C – *“... desenvolver, operar, realizar e prosperar de forma sustentada... procurar saídas para as dificuldades e soluções para as dúvidas sem encarar pedras como obstáculos, mas sim, como degraus”*.

U.M. – A capacidade de fazer está relacionada com aspectos axiológicos. O depoente apresenta valores bem arraigados, que normatizam sua conduta. Faz e realiza suas ações pautado em seu modo de ver o mundo. Isso faz com que aja de acordo com princípios inerentes a seu ser, e tais princípios direcionam seu empreendimento.

04. POTENCIALIDADE

Relato C – “... *tornar a realidade à sua volta propicia ao que você deseja... encarar a realidade de forma a modelar a sua maneira... maneira ativa de participar de diferentes situações. Necessidade de colocar em prática conhecimentos e vontades*”.

U.M. – Para o relator, aquilo que ele desejar pode acontecer, em função de suas potencialidades enquanto ser. A vontade, aqui, é vista como um catalisador no processo de empreender. Já a realidade é construída e moldada, de acordo com seu interesse. O fragmento vai ao encontro do pensamento existencialista, que considera o homem um projeto.

Relato D – “*Independer-se, ter a liberdade... me tornar mais completo. Não ser somente um financeiro, ou um R.H., ou um contador, mas sim pela vivência e controle sobre uma empresa como um todo*”.

U.M. – O projeto de autonomia, para o sujeito, se realiza através de ações empreendedoras. A limitação enclausurante de uma existência inautêntica, em um setor específico de uma empresa, é citada como razão para a busca da verdadeira potencialidade do sujeito. A realização pessoal só é possível se transcender a condição passiva e assumir uma atitude empreendedora.

Relato E – “*Construir algo que fosse meu e que me permitisse liberdade de criação e idéias*”.

U.M. – A afirmação do sujeito, como ser, se realiza através do empreendedorismo. Só há possibilidade de pensar e criar através de ações empreendedoras. Demonstra ainda que seu projeto de vida contempla uma individualidade inerente a tal prática. Tal individualidade se relaciona com aspectos próprios do empreendedor, seus valores e crenças.

5.2 Síntese das Unidades Modificadas

Nos relatos apresentados, os depoentes se expressaram de uma forma bastante particular. É importante ressaltar que a fenomenologia considera inesgotáveis os sentidos de um determinado fenômeno na medida em que se altera a perspectiva da observação.

As unidades de sentido somente existem em função de quem as analisa, em dependência da perspectiva que o pesquisador adote. Por exemplo, pode-se destacar e tornar significativos, dos depoimentos, aspectos os mais variados, como gramaticais, aspectos sociológicos, valores, aspectos psicológicos, econômicos, históricos ou estilísticos.

Assim, a análise dos dados coletados, pautada na redução fenomenológica, evidencia que os empresários incubados relacionam sua vivência na incubadora de empresas com as seguintes unidades temáticas: desenvolvimento de habilidades, visão de futuro, saber fazer e potencialidade.

Essas unidades revelam que os empresários vislumbram a incubadora como um órgão de apoio em situações que dificultam a realização de sua ação empreendedora, sendo essa significada como a abertura de um novo negócio e desenvolvimento de um produto inédito. Assim, o empresário percebe a incubadora de empresas como um *subsídio* a execução de sua idéia empreendedora.

Com isso, pode-se observar que a relação incubadora ação empreendedora não é de dependência, pois a idéia inovadora e os motivos de sua execução independem da incubadora de empresas. Por isso, há tantos empreendedores que não passaram por incubadoras de empresas. Contudo, essa emerge como um facilitador ou catalisador da ação empreendedora, pois com os seus contatos, estrutura física, apoio administrativo e de inserção no mercado ela acelera o desenvolvimento da ação empreendedora. Dessa forma, tal qual em uma reação química, a incubadora de empresas aumenta a velocidade de obtenção de resultados através da redução de tempo e possíveis dificuldades a serem encontradas pelo empreendedor.

6. CONCLUSÃO

A partir da análise fenomenológica dos dados extraídos de relatos de experiências elaborados por cinco empresários incubados na Incubadora de Base Tecnológica de Londrina, foi possível identificar que os sujeitos significam sua vivência empreendedora ligada à incubadora de empresas ao relacioná-la as temáticas: desenvolvimento de habilidades, visão de futuro, saber fazer e potencialidade.

Contatou-se que esses eixos temáticos revelam que o empresário incubado compreende sua vivência empreendedora como o conjunto de atos relacionados à abertura de uma empresa para desenvolvimento de um produto inovador. Assim, o empresário incubado significa a sua empresa e produto, já que esses constituem toda a extensão de seu ato empreendedor.

Dessa forma, conclui-se que o empreendedorismo existe e acontece independente da ação da incubadora de empresas. No entanto, esse órgão tem a capacidade, segundo empresários incubados, de facilitar e aumentar a velocidade do desenvolvimento da ação empreendedora.

Logo, pode-se responder a problemática central (Qual o papel desempenhado pela INTUEL no desenvolvimento da capacidade empreendedora de empresários incubados?) ao constatar que os empreendedores ao significarem sua vivência empreendedora, como abertura de um novo negócio para desenvolvimento e um produto, atribuem a incubadora de empresas o papel de catalisadora do processo de desenvolvimento da ação empreendedora. Portanto, o empreendedorismo independe da ação das incubadoras de empresas, porém esses órgãos podem tornar o desenvolvimento da ação empreendedora mais veloz, efetivo e eficaz.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **História da filosofia**, Lisboa: Editoria Presença, 1993.v. XIV.
- AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, 13 (1), p 5-10. 1996.
- ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas. **As incubadoras de empresas no Brasil: Panorama 2005**. Brasília: ANPROTEC, 2005.
- BAETA, A.M.C. **O desafio da criação: uma análise das incubadoras de empresas de base tecnológica**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOAVA, D. L. T. e MACÊDO, F. M. F. **A experiência de um professor de administração no curso de turismo da Universidade Federal de Ouro Preto: uma abordagem fenomenológica**. In: SEMEAD 7. Anais. São Paulo:2004
- COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, n. 11, p. 37-45, jan-mar 2000.
- COPPE, A. A. F. **A vivência em grupos de encontro: um estudo fenomenológico de depoimentos**. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado). UFRJ/PUC/MG.
- FRANÇA, C. **Psicologia fenomenológica-Uma das maneiras de se fazer**. Campinas: Unicamp, 1989.
- DIAS, C.; CARVALHO, L.F. Panorama mundial das incubadoras. In ARANHA, J.A. **Modelo de gestão para incubadoras de empresas: implementação do modelo**. Rio de Janeiro: Rede de Incubadoras do RJ, 2002.
- DORNELAS, J.C.A. **Planejando incubadoras de empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FONSECA, S. A.; KRUGLIANSKAS, I. Avaliação do desempenho de incubadoras empresariais mistas: um estudo de caso no Estado de São Paulo, Brasil. In: Conferência latino-americana de parques tecnológicos e incubadoras de empresas, Panamá. **Anais...** Panamá: IASP, 2000.

- FRANÇA, C. **Psicologia fenomenológica-Uma das maneiras de se fazer**. Campinas: Unicamp, 1989.
- GIORGI, A. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.
- GOMES, W. B. O critério metodológico da fenomenologia estrutural na análise de depoimentos. **Psicol. Reflex. Crit**, 4 (1/2): p.98-102. 1989.
- GUEDES, M.; BERMÚDEZ, L. A. Science parks and business incubator in developing countries. Lessons from Brazil. In: **IV World conference on science parks proceedings**, Beijing, China, 1995.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petópolis: Vozes, 1999. (parte 2).
- HUSSERL, E. **Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- INTUEL. **Publicação informativa INTUEL**. Londrina: Intuel, 2005.
- LEMOS M.V. **O papel das incubadoras de empresas na superação das principais dificuldades das pequenas empresas de base tecnológica**. Rio de Janeiro, 1998. Dissertação (Mestrado), UFRJ.
- LICHTENSEN, G. A; LYONS, T. S. **Incubating new enterprises: a guide to successful practice**. Washington: The Aspen Institute, 1996.
- MCT. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Manual para a implantação de incubadoras** (2000). Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/Temas/Desenv/Manual-Incubadoras.pdf>>. Acesso em 29 de novembro de 2006.
- NEERMANN, E. M. V. **Uma proposta de arquitetura para projetos de implantação de incubadoras de base tecnológica**. Florianópolis, 2001 Dissertação (Mestrado) UFSC.
- REDE INCUBAR. **Rede das incubadoras de empresas e parques tecnológicos brasileiros**. Informações Gerais. (2006). Disponível em <<http://www.redeincubar.org.br>> Acesso em 08 de maio de 2006.
- REZENDE, A.M. **Educação e ser-no-mundo: um projeto de fenomenologia da educação**. Campinas, 1978. Tese (Livre Docência). UNICAMP.
- REY, F. G. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. La Habana: EPE, 1997.
- SARDI, J. A. **Una perspectiva analítica sobre el contexto educacional de la UFOP: educación, subjetividad e exacerbación de los placeres**. La Habana, 2001. Tese (Doutorado), Instituto Central de Ciencias Pedagógicas.
- SEBRAE. **Tipos de incubadoras**. (2003) Disponível em: http://www.df.sebrae.com.br/preview/creator2/webs/sebrae/consultoria/contecnologia/incubadora/incubadora_apoio.cfm Acesso em 29 de novembro de 2006.
- SEIXAS, R. **Krig-Ha Bandolo!** Rio de Janeiro: Philips/Phonogram, 1973. 1 disco (38 min): 33 1/3 rpm, microsulco.
- SOUZA, E.C.L.; NASCIMENTO JR, A. Análise da Relação Universidade-Empresa de Base Tecnológica da Universidade de Brasília. In: XXVII ENANPAD-Encontro Anual da ANPAD, 27, 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 2003.
- SPIEGELBERG, H. **The phenomenological movement**. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1984.
- SPOLIDORO, R. Habitats de inovação e empreendedores: agentes de transformação das estruturas sociais. TECBAHIA. **Revista Baiana de Tecnologia**. v. 14. n° 3, p. 9-21. 1999.
- STAINSACK, C. **Estruturação, organização e gestão de incubadoras**. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado), CEFET-PR.
- VERA, A. A. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Globo, 1978.
- ZEDTWITZ, M. Classification and management of incubators: aligning strategic objectives and competitive scope for new business facilitation. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management**, v. 3, n 1/2, 2003.

